



Os desastres de Péresse e Hidalgo

Um resultado eleitoral muito pior do que o esperado fez com que Valérie Péresse não tivesse de lidar apenas com a descida vertiginosa do partido mas também com a perda de dinheiro — muito dinheiro. Ao ficar abaixo do limiar dos 5%, a candidata não terá reembolso de despesas de campanha. Péresse declarou ontem ter uma dívida pessoal na ordem dos cinco milhões de euros, e pediu aos franceses “ajuda de urgência” para a “situação financeira crítica” da campanha. Os Republicanos, o partido de Péresse, contava com um reembolso de oito milhões de euros, dado aos partidos que passassem os 5% de votos. Ninguém imaginou que isso não acontecesse com esta candidatura: em

Novembro, quando foi escolhida para ser a candidata do partido, afastando nomes com peso como Michel Barnier, Péresse tinha cerca de 11% nas sondagens. E em Dezembro chegou aos 17%, ficando na altura acima de Le Pen, que contava então com 16% das intenções de voto, parecendo por momentos ter hipótese de chegar à segunda volta. Seguiu-se uma queda vertiginosa nas sondagens e um resultado desastroso. A porta-voz da candidatura do partido Os Republicanos admitiu que o resultado “não foi uma grande derrota, [mas sim] uma enorme derrota”.

No caso da candidata do Partido Socialista Anne Hidalgo, presidente da câmara de Paris, sabia que o resultado iria ser muito baixo — já desde Janeiro que tinha 2% a 3% nas intenções de voto. Mesmo assim o resultado de 1,8% foi um choque.

O que acontecerá às carreiras de Péresse e Hidalgo não é claro: respondendo a um leitor, o director adjunto do *Le Monde*, Nicolas Chapuis, apontava as baixas votações de ambas nos seus círculos eleitorais — Péresse chefia a região de Île-de-France, onde obteve 6,9%, e Hidalgo a câmara da cidade de Paris, onde obteve apenas 2,17%. “Para ambas, o regresso às responsabilidades locais arrisca-se a ser complicado, com executivos que não lhes deverão facilitar a vida.”

Maria João Guimarães

quer voltar atrás nas medidas-farol do seu programa, medidas que desagradam muito aos eleitores da França Insubmissa, a primeira das quais é a passagem da idade da reforma para os 65 anos”, considera Mathieu Fulla.

Ontem, nos Hauts-de-França, as televisões mostravam o Presidente em campanha, em mangas de camisa e exibindo a “humildade” que prometeira, ouvindo atentamente e respondendo com tempo a quem com ele falava. Uma reacção às críticas que o aconselhavam a “descer do pedestal” e sair para as ruas, o que praticamente não fez antes da primeira volta.

Mas muito se jogará, por fim, no dia 20, quando os dois candidatos ao Eliseu se defrontarem num debate televisivo na TF1 e France 2. Em 2017, mal preparada, Le Pen saiu claramente derrotada face a Macron num debate semelhante. Desta vez, a maior parte dos analistas considera que ela aprendeu com os erros e que será uma adversária mais perigosa.

O *Libération* escrevia sobre a ausência de reacções na noite eleitoral: “Domingo podíamos procurar desesperadamente sinais de choque, manifestações espontâneas, juras de que o fascismo não passará. Em vão. Ao atravessar Paris em direcção à Porte de Versailles para o seu discurso, Macron só viu ruas desertas. Este vazio sideral é dele e só dele.” Nos próximos dias terá de o ultrapassar, se quiser realmente unir uma frente que trave a chegada da extrema-direita ao Eliseu.

Campanha para a segunda volta

“Ainda não é provável que Le Pen ganhe mas é mais do que em 2017”

Entrevista

Clara Barata

Tara Varma A paisagem política francesa está a sofrer uma mudança radical que se vai reflectir nas legislativas de Junho

As próximas duas semanas de campanha para as presidenciais em França, agora que a corrida se reduziu a Emmanuel Macron (27,84%) e a Marine Le Pen (23,15%), vão ser muito duras, avisa Tara Varma, a responsável pelo gabinete de Paris do Conselho Europeu de Relações Internacionais (ECFR, na sigla em inglês pela qual é conhecido). “Eles vão ter de compensar pela falta de campanha que tem havido até agora”, explica.

“Macron vai ter de se aproximar dos eleitores de esquerda, embora ele tenha feito isso nas últimas eleições e tenha deixado muitos desiludidos”, avisa a especialista em política europeia e asiática, em entrevista ao PÚBLICO.

No seu discurso após a vitória na primeira volta, Macron quis apanhar tudo e todos — fez o “*en même temps*”, ao mesmo tempo, recurso retórico que ele tornou célebre. “Apresentou as suas prioridades, se for reeleito: ‘uma França forte e independente’ para a ciência, tecnologia, agricultura, sector militar, uma força mais justa, um Estado social, Educação, pensões, Saúde e o estado dos hospitais, alterações climáticas, secularismo. Foi muito abrangente, e vai ter de começar a tornar-se mais específico nestes próximos dias”, disse Tara Varma.

Porque a sua rival, a política de direita Marine Le Pen, avançou essencialmente com prioridades domésticas, observa Tara Varma. Falou na economia, na ecologia, no poder de compra, a Saúde, a habitação, e disse que queria unir a população francesa num “projecto popular e nacional, numa comunidade de destino”, destaca a analista. “Ela fez apelos aos eleitores que votam à esquerda. Vai desafiar Macron nestes assuntos que têm sido complicados para o Presidente, como mostrou o movimento dos ‘coletes amarelos’”, avisa.

O que deve fazer Emmanuel Macron para conquistar os votos de que precisa para a segunda volta das presidenciais? Terá de

se esforçar mais para levar os eleitores de Jean-Luc Mélenchon (esquerda radical) a votar nele. Como espera que Macron o consiga?

Macron vai ter de se aproximar dos eleitores de esquerda, embora ele tenha feito isso nas últimas eleições e tenha deixado muitos deles desiludidos. O Presidente terá de anunciar medidas que favoreçam os sectores da Educação, Saúde e Segurança Social. Mas vai ser uma luta dura para ele.

Macron tem de fazer “um grande gesto social”, como o desafiou a fazer o economista Thomas Piketty, para conquistar o voto da esquerda e dos ecologistas?

Sim, ele terá de tornar muito claros quais são os seus planos e deve apresentar um calendário bem definido também, de preferência pouco tempo depois da sua vitória.

Hipoteticamente, o que poderia representar para França ter Marine Le Pen, uma política de extrema-direita, como Presidente?

Significaria uma mudança completa na direcção que a Europa assumiu de se tornar mais geopolítica e mais capaz de se

defender pelos seus próprios meios. Haveria uma aliança de democracias liberais e autocratas, com autocracias em todo o planeta.

Marine Le Pen está mais perigosa nesta segunda vez que conseguiu chegar à segunda volta? Não só aprendeu lições relativas ao falhanço de 2017, como tem um leque mais vasto de apoiantes (como os eleitores de Éric Zemmour na primeira volta, e talvez alguns dos que votaram em Mélenchon, como previam alguns estudos de opinião)...

Ela é mais perigosa agora porque se adaptou às necessidades dos eleitores franceses: abandonou a retórica do “Frexit” [saída da França da União Europeia]; agora diz que quer que França permaneça na UE, mas quer mudá-la a partir de dentro, como [o primeiro-ministro húngaro] Viktor Orbán. Também moderou a sua retórica de apoio à Rússia e a Vladimir Putin. Ainda não é provável que ganhe as eleições, mas é mais provável do que em 2017.

O que é que os resultados da primeira volta das presidenciais nos dizem sobre o sistema político em França? A direita tradicional (4,78%) e o Partido Socialista (1,75%) foram arrasados, os Ecologistas também tiveram um resultado bastante mau (4,63%). Todos estes partidos ficam com uma grande dívida para pagar, porque não atingiram sequer os 5%, o mínimo para o Estado os reembolsar das despesas de campanha. Vai-se reduzir a representação democrática, ou vamos assistir a um redesenho da paisagem política?

A paisagem política francesa está a sofrer uma mudança completa e maciça, na qual as eleições legislativas de Junho [primeira volta a 12 de Junho, segunda a 19] vão desempenhar um papel muito mais crucial do que se esperava. A esquerda poderá unir-se para formar uma oposição forte, e eventualmente até conseguir nomear o primeiro-ministro [num cenário de coabitação com o Presidente]. Mas há um longo caminho a fazer antes de se poder chegar a esse ponto. As mudanças que se iniciaram em 2017 estão ainda a decorrer, e ainda não se percebe como é que vai ser a França que daí resulta.



O Presidente terá de anunciar medidas para a Educação, Saúde e Segurança Social. Mas vai ser uma luta dura para ele